

Realidade do usuário autista nas unidades de informação: estudo de caso

Vinicius Alves dos Santos (UFMG) - viniciusalves102011@hotmail.com

Resumo:

Apresenta as inferências e resultados preliminares de uma pesquisa em andamento, objetivada na busca pelo aprimoramento dos serviços de referência nas unidades de informação, visando atender com maior inclusão e potencial adaptativo do local e dos serviços prestados, para sujeitos que são autistas de alto e moderado funcionamento. O Transtorno do Espectro Autista é exposto com suas principais peculiaridades e dificuldades, frente à uma sociedade despreparada para recepcioná-los. Similarmente é indicada a metodologia de investigação que ocorre por intermédio de questionário e entrevistas com autistas dentro das categorias informadas anteriormente, para a partir de seus respectivos relatos serem tracejadas medidas de adequação dos trabalhos desenvolvidos nas bibliotecas. Além disso, alguns resultados preliminares são mostrados servindo de apontamento para as questões que carecem de ser melhoradas nas unidades de informação. Os resultantes foram questionamentos dos autistas acerca da mobília, iluminação, estruturação dos locais de estudo e medidas de inclusão. O que se conclui é que os bibliotecários carecem de assumir seu papel de gestor, para proporcionarem um ambiente mais integralizador e desenvolvimentista para as capacidades dos autistas.

Palavras-chave: *Autismo; Serviços de Referência; Acessibilidade e Inclusão; Gestão.*

Eixo temático: *Eixo 2: Não devemos deixar ninguém para trás*

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio neurológico que é designado por uma variação na comunicação social, e com a apresentação de comportamentos repetitivos e estereotipados. Os indivíduos que apresentam essa condição, encontram diversas dificuldades em sua inserção no corpo social, em relação à apreensão de informações e interação com o meio. Um dos mais expressivos fatores para essa realidade dificultosa, são as fundamentações dos processos cognitivos do ‘sujeito comum’, serem a oralidade e a escrita, ou seja, a “vigente” no corpo social. Brito et. al. (2016) corroboram:

Este “**fazer sentido**”, ainda não pode acontecer para alguns indivíduos porque os elementos com os quais comumente se constroem os códigos de linguagem, simplesmente estão ausentes para eles. A oralidade está na base de nosso sistema de escrita e para muitos ela não pode existir, devido a barreiras funcionais. Para indivíduos nascidos surdos, autistas e tantos outros, certas conexões cognitivas não se realizam porque encontram-se no estado do “sem nome”, do vazio indiferenciado. (BRITO et. al., 2016, p. 4, grifo do autor).

Ponderando acerca de tal problemática, este artigo possui o propósito de retratar uma pesquisa em andamento, que busca refletir em relação à estrutura das bibliotecas e/ou centros de documentação, e o serviço de referência, tencionando construir uma proposta de proximidade para dialogar com esses usuários, oportunizando o seu desenvolvimento e acesso facilitado à informação.

A principal hipótese da investigação, é que as bibliotecas pelo que se verifica na literatura desenvolvem poucas ações voltadas para esse tipo de usuário; não há adaptação ou intencionalidade em atender ou contribuir para o desenvolvimento de utentes dentro do espectro autista. Isso acaba excluindo e/ou afastando alguns, ou contribuindo para que outros não tenham suas necessidades informacionais, comunicacionais e relacionais aprimoradas e adaptadas.

A proposição a ser desenvolvida e concebida, se justifica quando se analisa o cenário das bibliotecas brasileiras e as debilidades encontradas pelos profissionais atuantes nessa dada conjuntura, pensando nos usuários pertencentes ao Transtorno do Espectro Autista. Os indivíduos que se enquadram no TEA apresentam limitações referentes às competências interpessoais, que encaminham consequências como: deficiência na comunicação verbal e não verbal, anormalidade do contato visual, internalização de sentimentos, interesses obsessivos, e padrões ritualísticos e restritivos. A motivação para a realização do trabalho, foi a efetuação de um estágio em uma biblioteca escolar numa escola federalizada no período de 9 meses onde havia uma criança autista. Seu isolamento, repetições comportamentais e sua distinção dos demais sujeitos, incitaram a procurar saber sobre o que era o autismo. A partir daí, vêm-se buscando sistematizar um projeto aplicável, que procure

contribuir minimamente na adaptação do local e dos serviços de referência prestados nas bibliotecas. Além disso, é quase inexistente a literatura que trata desse assunto na biblioteconomia, por isso a escolha.

2 METODOLOGIA

De acordo com Bosa (2006), o Transtorno do Espectro Autista é categorizado como um transtorno invasivo do desenvolvimento que abarca debilidades sociais e comunicativas, além de disposições restritivas e repetitivas. A Sociedade Brasileira de Pediatria (2017) corrobora a clara dizendo que:

O TEA é caracterizado por déficits e dificuldades na comunicação e interação social, associados a interesses e atividades restritas e circunscritas. O TEA é classificado, de acordo com a última versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM5), como sendo um transtorno do desenvolvimento, cujas características clínico-sintomatológicas iniciam nos primeiros anos da infância. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2017, p.1).

Perscrutando cooperar com a adaptação e inclusão dos autistas na sociedade da informação, o projeto está investigando usando de coleta de dados dos sujeitos autistas de alto e moderado funcionamento (níveis do transtorno), acima de 14 anos da cidade de Belo Horizonte-MG, região metropolitana e cidades vizinhas. Chegou-se a esses critérios por meio de leitura sobre o transtorno, concomitantemente analisando os focos iniciais da pesquisa, que não possuem intenções muito pretensiosas e revolucionárias. Essa parcela da pesquisa está se dando por dois passos; primeiro, um pré-teste foi aplicado em 6 autistas com 16 perguntas, por meio da plataforma da Google, o “Google Forms”; e na segunda parte outros participantes estão respondendo 32 perguntas em um questionário melhor elaborado na mesma plataforma, devido à primeira experiência que permitiu seu aprimoramento. Ambos de caráter quantitativo, ajudarão a pensar o que deve ser acondicionado ou modificado nos serviços de informação, para a inserção dos autistas de modo participativo, partindo da visão deles, e dos problemas que constatarem. Pretende-se alcançar pelo menos 100 respondentes, para a investigação retratar um pouco da realidade da questão.

Após esse processo, no questionário haverá um espaço para a pessoa dizer se quer ou não, participar da próxima etapa da pesquisa. Caso seja positiva a resposta, se farão entrevistas (com pelo menos 10 indivíduos) e eles relatarão com maior riqueza de detalhes se possível, seus dramas, dificuldades, desafios e jornada trilhados. Posteriormente, uma discussão será elaborada em outra oportunidade, num artigo e provavelmente em um Trabalho de Conclusão de Curso na graduação de bacharelado em Biblioteconomia, onde haverá a relação dos dados coletados com a realidade dos serviços de referência das bibliotecas, e serão analisadas e propostas

medidas que busquem auxiliar os bibliotecários em como se relacionar e tratar os usuários autistas.

4 PRÉ-RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já foi dito, a pesquisa se encontra em andamento na primeira parcela de seu percurso. Os autistas de diferentes localidades na capital mineira e de cidades próximas, estão respondendo ao questionário que foi enviado por intermédio de núcleos de acessibilidade e inclusão de universidades, instituições educacionais que trabalham com a temática, bibliotecas públicas, grupos de sala de Whatsapp das universidades, conhecidos que possuem contato com pessoas autistas, entre outros.

O que se percebe no primeiro momento da investigação, diante de resultados preliminares é que um considerável número de autistas, sente a ausência de locais separados para estudo, com estímulos sensoriais para eles entrarem em hiperfoco. Além disso, não foram poucos os que postularam acerca de uma melhor iluminação direcionada nas bibliotecas, pisos que não façam barulho, mesas e cadeiras mais estáveis, melhor sinalização dos itens e orientação diferenciada. Essas foram alguma das queixas expressas por autistas. As responsabilidades do bibliotecário e do serviço de referência são estar atentos às essas especificidades do usuário autista, e com os recursos e influência oportunizar maior inclusão e acessibilidade do local.

Accart (2012) em sua obra *Serviço de referência: do presencial ao virtual*, define o serviço de referência presencial citando Calenge (1996) como:

uma função organizacional que presta respostas personalizadas a uma consulta explícita em busca de informações [...]. (CALENGE, Bertrand, 1996 *apud* ACCART, Jean-Philippe, 2012, p. 13).

Mangas (2007) citando Malmierca (1998) expressa sobre os serviços de referência como uma ação de:

ajudar os estudantes; desenvolver o papel da biblioteca como instituição educativa; ajudar os leitores a fazer as melhores seleções no universo da informação recolhida e; justificar a existência da biblioteca demonstrando o seu valor àqueles que a apoiam. Estes elementos vão ao encontro dos ideais que consideram que a biblioteca deve prestar um serviço à comunidade disponibilizando não só os recursos de informação que possui, bem como ajudando os utilizadores a localizar e a utilizar esses mesmos recursos. (MALMIERCA, Rollán, 1998, p. 2 *apud* MANGAS, Sérgio Filipe Agostinho, 2007, p. 2).

Compreende-se que as unidades de informação, ainda mais em um país detentor de uma cultura que não valoriza bibliotecas e os bibliotecários, possuem muitas dificuldades no tocante ao capital financeiro e humano, todavia, é necessário pensar na classe de pessoas portadoras de deficiência, que já têm muitos embaraços cotidianos e precisam ter seu acesso à informação mais facilitado. O papel do bibliotecário de referência juntamente da chefia da unidade, é pensar na identificação dos seus usuários por meio de estudos de usuários, e ao tomar conhecimento de que existem pessoas abarcadas dentro do espectro, procurar considerar as demandas levantadas na estrutura de seu local de trabalho.

Se atentar para os instrumentos de indexação, desenvolvimento de coleções, etc., é de extrema importância; não está se abolindo ou até mesmo demonizando as práticas, mas é importante começar a olhar a organização e disposição da biblioteca, visando proporcionar um local acolhedor, de aprendizagem, desenvolvimento, crescimento e que atende às especificidades de seus usuários. Pela falta da atenção do bibliotecário de referência e sua equipe, ou a ausência de um bibliotecário especialmente para essa função, essa elocução contribui para que muitos dos autistas não tenham suas demandas informacionais atendidas na totalidade, ou os que são de moderado funcionamento se afastem das bibliotecas, não conseguindo se adaptar. Cabe ao bibliotecário a sensibilidade e ação de assumir seu papel gestor, na organização, sistematização e especialização dos serviços que são prestados.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tratar-se de uma pesquisa em andamento, o que se conclui é que antecipadamente pôde-se constatar a invisibilidade e o desamparo, que essas pessoas têm nas unidades de informação. Questões que alguns dos respondentes citaram, para um ser humano típico é algo irrisório talvez, entretanto, para o desenvolvimento, adaptação e conforto de um autista no ambiente é de suma importância. Os respondentes mencionaram objetos, condições e mecanismos que ainda na literatura e que em suas sentenças, percebeu-se que as unidades de informação não se atentaram.

O espaço de escrita não permite a exemplificação com mais precisão das competências de um bibliotecário de referência, no entanto, no livro já citado de Accart (2012), durante sua obra ele caracteriza-o como gestor, incumbido de pensar na estrutura e disposição dos materiais e serviços da biblioteca e/ou centro de documentação que trabalha. Ter os itens e um local para a acomodação de documentos, sem uma efetiva mediação e personalização para cada perfil de usuário, inviabiliza as bibliotecas, e não demonstra à sociedade o potencial transformador que o bibliotecário e as unidades de informação possuem. Ter serviços de referência eficazes, capazes de fornecer um guia na decisão e escolha de fontes de informação, sinalizações chamativas, cabines de estudo apropriadas correspondendo às necessidades dos autistas, com móveis conservados e favoráveis aos mesmos, e

programações para a sua inclusão, auxiliarão para que encontrem na biblioteca, uma parceira no seu desenvolvimento e integração social.

REFERÊNCIAS

ACCART, J. P. **Serviço de Referência: do presencial ao virtual**. Brasília: Briquet de Lemos, 2012.

BOSA, C. A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Rev Bras Psiquiatr.**, Porto Alegre, v. 28, p. 47-53, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462006000500007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 abr. 2019.

BRITO, M. L. et al. Indexação imagética aplicada ao modelo frsad: uma metodologia conceitual. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, v. 17., 2016, Salvador. **Anais...** Salvador: PPGCI, UFBA, 2016. p. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Marcilio_De_Brito/publication/311271540_IND_EXACAO_IMAGETICA_APLICADA_AO_MODELO_FR SAD_UMA_METODOLOGIA_CONCEITUAL/links/58405fd108ae2d21755f32fc/INDEXACAO-IMAGETICA-APLICADA-AO-MODELO-FRSAD-UMA-METODOLOGIA-CONCEITUAL.pdf>. Acesso em: 28 Mar. 2018.

MANGAS, S. F. A. Como planificar e gerir um serviço de referência. **Biblios.**, Portugal, n. 28, p.1-31, 2007. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/12155/1/smangas1.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. Triagem precoce para autismo/transtorno do espectro autista. **Documento científico**, n.1, 1 abr. 2017. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2017/04/19464b-DocCient-Autismo.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.